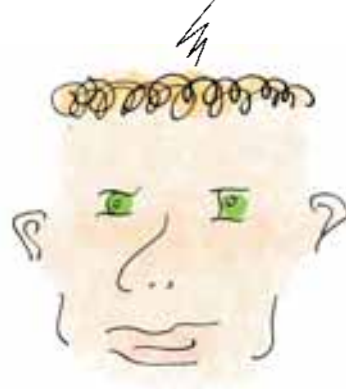




OTIMISTA QUE SOU, PREFIRO FALAR DAS CONQUISTAS, DAS OPORTUNIDADES E DAS POSSIBILIDADES QUE AS CRISES OFERECEM.



O G-20 - GRUPO FORMADO PELAS NAÇÕES QUE DETÊM 85% DA ECONOMIA DO PLANETA - GANHOU FORÇA E VOZ NESTE MOMENTO.



O GRUPO INTERNACIONAL QUE ANTES REUNIA OS SETE PAÍSES MAIS INDUSTRIALIZADOS E DESENVOLVIDOS, MAIS A RÚSSIA, AGORA INCLUI PAÍSES EMERGENTES, COMO BRASIL E ÍNDIA, ENTRE OUTROS.



AMPLIOU A ESFERA DECISÓRIA DE 8 PARA 20 NAÇÕES. E ISSO É UM GRANDE AVANÇO.



MÚLTIPLAS LEITURAS Instigante. Foi com esse adjetivo que classifiquei a atual conjuntura econômica em entrevista concedida, na semana passada, a um jovem jornalista. Infelizmente, esta que eu considero a melhor parte da entrevista, não foi publicada. Apesar de ter reafirmado inúmeras vezes a minha visão otimista da crise, ele preferiu não entrar no mérito da questão. Talvez por não acreditar no meu olhar confiante sobre o problema. Talvez por considerar irônico o fato de eu estar vendo a crise como oportunidade. Talvez porque ele mesmo entenda a crise econômica como uma tragédia, digna de luto e reverência. Qualquer que seja a resposta, o fato é que a crise econômica oferece múltiplas leituras. De Adam Smith a Keynes, passando por Malthus, Marx, Samuelson e Milton Friedman até a escola de Chicago, todos têm um olhar particular sobre o capitalismo, seus avanços e retrocessos, seu bem e seu mal.

AVANÇO Otimista que sou, prefiro falar das conquistas, das oportunidades e das possibilidades que as crises oferecem. O encontro do G-20 em Londres é uma delas. Apesar de ter sido criado em 1999, o G-20 - grupo formado pelas nações que detêm 85% da economia do planeta - ganhou força e voz neste momento. O grupo internacional que antes reunia os sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, mais a Rússia, agora inclui países emergentes, como Brasil e Índia, entre outros. Ampliou a esfera decisória de 8 para 20 nações. E isso é um grande avanço.

QUAL ESTADO? QUAL DESENVOLVIMENTO? Diz o economista e pesquisador da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, de Paris e do Instituto de Estudos Avançados da USP, Ignacy Sachs, "(...) que a humanidade foi chamada três vezes, em oitenta anos, a se debruçar sobre a equação; qual Estado, para qual modelo de desenvolvimento (...) A primeira vez foi na crise de 29 (...) os resultados foram o socialismo, o nazismo, New Deal de Roosevelt (...) A segunda ocasião aconteceu no fim da II Grande Guerra, quando formou-se um consenso em torno de três-forças: um Estado pró-ativo no campo econômico e social, pleno emprego como objetivo e a valorização do planejamento, pilares de sustentação do welfare state, o Estado de bem-estar e previdência, como formulou Keynes".

CENÁRIO PARA O NEOLIBERALISMO Na visão de Sachs, o terceiro momento em que os países foram chamados a responder à pergunta, "qual Estado para qual modelo de desenvolvimento", ocorreu no final dos anos 70 e meados dos anos 80, quando a União Soviética viveu o descrédito do seu sistema militar repres-

sivo e Gorbachev chegou ao poder como um sopro liberal, sem, contudo, conseguir reverter o quadro inflacionário e a primeira crise energética. Estes, entre outros fatores, foram decisivos para montar o cenário no qual Margareth Thatcher e Ronald Reagan iriam implantar o neoliberalismo.

"CAPITALISMO CASSINO" Teoria articulada pelo austro-britânico Hans Singer - secretário de Keynes em *Bretton Woods* - o neoliberalismo propõe menor presença do Estado, menos planejamento e autorregulação do mercado. Este conceito neoliberal, que dominou o capitalismo nos últimos 28 anos, promoveu guerras, falhou na regulação do sistema e alimentou o que Ignacy Schs chamou de "capitalismo cassino". Com as forças esgotadas, o neoliberalismo perdeu sua influência e Keynes começa a ser ressuscitado. No encontro de Londres, ocorrido na semana passada, o G-20 anunciou a necessidade de mais regulação dos mercados financeiros, promoveu críticas aos paraísos fiscais e autorizou a injeção de US\$ 1,1 trilhão na economia planetária.

ASCENSÃO DOS EMERGENTES Com as cartas na mesa, restam as normatizações. Entre discursos inflamados, tapinhas nas costas, pose para foto e frases de efeito, o grande avanço do G-20 é a inserção dos países emergentes no cenário mundial. Entre eles está o Brasil, país que se transformou, nos últimos anos, em uma das principais fronteiras de negócios no panorama global. Temos o décimo PIB mundial, US\$1,6 trilhão, somos a quinta maior população e o oitavo mercado consumidor do mundo. É com esses números que vamos enfrentar os desafios da crise econômica. Por aqui, o desemprego deve crescer 2,6%, mas o crescimento real do salário mínimo nos últimos 5 anos, associado à queda da inflação e ao aumento do crédito, que deve crescer em patamares menores, permitirá ao Brasil atravessar as turbulências sem grandes perdas.

MUDANÇA E ÉTICA O fato é que o mundo sempre esteve em transformação. Esta é mais uma entre tantas mudanças. Um tempo que nos coloca em estado de alerta, nos faz refletir e buscar novas respostas. Um tempo que exige criatividade nas escolhas. Coragem nas ações, confiança nas decisões e maturidade nas propostas. É por isso que considero o momento instigante. Porque nos permite abrir novos caminhos e enxergar novos paradigmas. Desde que a democracia, a liberdade e a ética sejam respeitadas, as crises serão sempre oportunidades de mudança, possibilidades de crescimento e novas conquistas, e por isso mesmo, instigantes.